

A RÚSSIA NA AGENDA DA ADMINISTRAÇÃO BIDEN

Maria Raquel Freire¹

O contexto internacional em que as relações entre os Estados Unidos e a Federação Russa se desenvolvem tem sido marcado por dissensão e afastamento, em particular desde a guerra na Ucrânia em 2014. De facto, este tem sido o *statu quo* de uma relação que sempre foi pautada por momentos difíceis. O desejo russo de reconhecimento internacional como grande potência, e a sua leitura diferenciada de segurança europeia daquilo que comumente se designa na visão ocidental, contribuíram para este afastamento. O papel da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), que aos olhos de Moscovo se tornou mais um instrumento da influência ocidental, tem sido limitado na sua capacidade de decisão e atuação. A União Europeia (UE) – e em particular as suas políticas de alargamento e vizinhança, promovendo uma presença mais ativa em Estados parceiros do espaço pós-soviético – tem também gerado descontentamento na Rússia, apesar do reconhecimento que esta faz de vários limites na política oriental. Mais relevante em matéria securitária é o processo de renovação da Aliança Atlântica, com a consolidação de assuntos de cariz político na agenda, a realização de missões fora da área tradicional de atuação da Organização, e a política de alargamento que se estendeu além do quadro securitário ocidental, alterando a fronteira externa da Aliança numa lógica de aproximação às fronteiras russas. Descrita como uma ameaça à segurança russa, a política de alargamento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) tem permitido continuidade na

RESUMO

O contexto internacional em que as relações entre os Estados Unidos e a Federação Russa se desenvolvem tem sido marcado por dissensão e afastamento, em particular desde a guerra na Ucrânia em 2014. O papel da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa tem sido limitado na sua capacidade de decisão e atuação. A União Europeia tem também gerado descontentamento na Rússia, assim como a política de alargamento da NATO tem sido descrita por Moscovo como uma ameaça à segurança russa. Por conseguinte, a Administração Biden toma posse num momento marcadamente difícil, apesar da postura do antigo Presidente Donald Trump ter sido errática e ambivalente face à atuação de Moscovo.

Palavras-chave: Rússia, Estados Unidos, China, Joe Biden.

ABSTRACT

RUSSIA IN THE AGENDA OF BIDEN'S ADMINISTRATION

The international context in which the relationship between the United States and the Russian Federation has evolved has been marked by dissension and withdrawal, especially



so since the war in Ukraine in 2014. The role of the OSCE has been hampered as far as its capacity for decision-making and acting is concerned. The EU has also been the cause of discontent in Russia, and NATO has been described by Russia as a threat to Russian security. As such, the Biden Administration takes office in a very difficult moment, even though the stance of former president Donald Trump was erratic and ambivalent regarding Moscow's actions.

Keywords: Russia, USA, China, Joe Biden.

narrativa russa de exclusão do sistema de segurança europeu, entendido como construído em antinomia aos seus interesses. Os esforços de consolidação de confiança promovidos no seio da NATO, como o Conselho NATO-Rússia e outros acordos de cooperação assinados, esvaziaram-se no contexto da escalada de tensão entre a Rússia e o Ocidente, de que a anexação da Crimeia e a guerra no Donbass são exemplos marcantes.

Deste modo, parece evidente que o triângulo Estados Unidos-UE-Rússia não é de todo equilátero². As relações dos Estados Unidos com a Rússia têm mostrado um lado mais assertivo e vão-se ajustando de acordo com as relações desenvolvidas entre as respetivas administrações:

veja-se por exemplo a postura de Trump um pouco menos crítica em alguns momentos, e a postura de Biden, muito crítica das ações de Moscovo já na campanha eleitoral. Já as relações UE-Rússia são resultado de uma multiplicidade de vozes na leitura deste vizinho gigante, ora mais benigna ora mais conflituosa, quer por motivos geoeconómicos quer por motivos políticos. A construção do gasoduto Nordstream 2 que liga diretamente o abastecimento de gás natural da Federação Russa a território alemão, ou os acordos bilaterais de alguns Estados-Membros para a compra da vacina russa Sputnik V contra a covid-19, são ilustração de diferenciais internos na agenda atual, e que têm consequências no desenho das relações UE-Rússia.

O contexto em que a Administração Biden toma posse nos Estados Unidos é marcadamente difícil na relação bilateral entre Washington e Moscovo, apesar da postura do anterior Presidente Donald Trump ter sido algo errática, e mesmo ambivalente face à atuação de Moscovo. Exemplo claro foi o da afirmação de que não houve qualquer interferência russa no processo eleitoral de 2016 nos Estados Unidos³, face a um conjunto de provas que apontavam nessa direção e que vieram a confirmar-se. A postura de Trump na política internacional revelou-se disruptiva na forma como operacionalizou o princípio «América primeiro» («America first»), incluindo nas relações com os parceiros europeus e mesmo no seio da NATO. O afastamento entre os parceiros tradicionais ocidentais e o mau ambiente gerado no seio da Aliança Atlântica criaram dissensão e minaram as relações transatlânticas.

Diferentemente, a nova Administração Biden assume uma postura de recalibragem das relações com os parceiros tradicionais e de leitura de que a «América está de volta» («America is back»)⁴ inserida no normativo multilateral. A aproximação à UE e à NATO, o regresso dos Estados Unidos a acordos internacionais em matéria ambiental, como o retorno ao Acordo de Paris, por exemplo, ou a sua postura mais cooperativa no âmbito da Organização Mundial da Saúde (OMS), são prova desta alteração no curso político. Já as relações com a Rússia são lidas com desconfiança e nos primeiros documentos

oficiais da nova Administração a Rússia aparece muitas vezes referida lado a lado com a China na categoria dos regimes autoritários e que têm assumido uma postura assertiva e revisionista no sistema internacional. A China é mencionada como o grande rival e a Rússia como a maior ameaça⁵. Apesar de Biden entender que o poder da Rússia é limitado face a uma economia dependente setorialmente e com dificuldade de reação face às implicações da atual pandemia, e de se deparar com problemas demográficos persistentes, entende também a Rússia como uma potência revisionista que procura minar os sistemas democráticos ocidentais, e cujo Estado foi capturado por um regime cleptocrático⁶.

Em 2011, Joe Biden comentou que olhou Putin nos olhos e que percebeu que este não tinha alma, ao que Putin respondeu «compreendemo-nos mutuamente». Dez anos mais tarde, já com Biden na Presidência, numa entrevista este responde afirmativamente a uma pergunta do entrevistador sobre se Putin é um assassino, a que Putin reage referindo-se a este comentário como refletindo o que se vê num espelho, e adicionando que «quando éramos crianças costumávamos dizer quem diz é que é!», acrescentando ainda «desejo-lhe muita saúde»⁷. Estas trocas de impressões fortes marcam o ambiente de tensão em que as relações Estados Unidos-Rússia com Biden e Putin se desenrolam, não prometendo desanuviamento construtivo para além de uma política de pragmatismo seletivo.

BIDEN PROCURA POSICIONAR OS DIFERENCIAIS MENOS NA RELAÇÃO POLÍTICO-DIPLOMÁTICA ESTADOS UNIDOS-RÚSSIA E MAIS NAS INCOERÊNCIAS INTERNAS DECORRENTES DA CORRUPÇÃO DA OLIGARQUIA E DO SISTEMA CLEPTOCRÁTICO RUSSO.

A AGENDA DE BIDEN PARA A RÚSSIA

Ainda antes de assumir a Presidência, num artigo que escreveu para a *Foreign Affairs*⁸, Biden referia que as relações com a Rússia são difíceis e que a sua postura crítica face ao Kremlin não permitiria a repetição de um gesto similar ao do *reset button* da Administração Obama.

No primeiro discurso oficial de política externa, a 4 de fevereiro de 2021, Biden sublinhou a relevância da renovação do acordo New START com a Rússia, face ao contexto de dissensão e necessidade de estabilidade nuclear, salientou a leitura da Rússia como revisionista e disruptiva da ordem democrática, e destacou, neste contexto, a violação de direitos e liberdades fundamentais, com o caso Navalny a suscitar as maiores críticas⁹. Biden deixou então claro que, de forma diferente do seu antecessor, os dias em que os Estados Unidos não reagem face a ações agressivas da Rússia terminaram. Referiu-se concretamente à interferência em processos eleitorais, a ciberataques e aos envenenamentos na Rússia, com o caso Navalny ainda a marcar os títulos noticiosos, exigindo a libertação deste último e condenando as ações de limitação da liberdade de expressão¹⁰. De algum modo, a acentuação desta dimensão normativa faz parte da estratégia de Biden que procura posicionar os diferenciais menos na relação político-diplomática

Estados Unidos-Rússia e mais nas incoerências internas decorrentes da corrupção da oligarquia e do sistema cleptocrático russo. Entende que este sistema corrupto afeta toda a sociedade civil na Rússia, e que é necessário desmontar e desacreditar as ações e políticas dos governantes russos¹¹. Mas a política faz-se também além-fronteiras, e os países do espaço pós-soviético – com o apoio declarado dos Estados Unidos à Ucrânia¹², num contexto em que a tensão com a Rússia tem vindo de novo a escalar, ou as críticas fortes a Moscovo face aos acontecimentos na Bielorrússia¹³ – são exemplo. As críticas de ingerência da parte de Moscovo encontram na nova Administração dos Estados Unidos acusações de desrespeito pelas populações e pelas suas liberdades, na tentativa de avançar a agenda normativa antissistema na Rússia.

No relatório intitulado «Renewing America's Advantages», de março de 2021, Biden antecipa as linhas mestras do novo conceito de segurança, sublinhando um contexto adverso às democracias, o aumento de nacionalismos e a crescente rivalidade com a China, a Rússia e outros Estados autoritários, além da revolução tecnológica que impacta a vivência diária¹⁴. Caracteriza a Rússia como um ator disruptivo que pretende aumentar a sua influência global, e que, perante uma Rússia desestabilizadora e uma China

cada vez mais assertiva, pedirá ao Congresso para averiguar da estrutura de resposta e capacidades adequadas à mesma, com acentuação do reforço da dimensão de inovação técnico-militar, que em seu entender possa determinar vantagens militares e de segurança nacional aos Estados Unidos.

NA LEITURA DE BIDEN, SER ANTI-PUTIN NÃO SIGNIFICA SER ANTI-RÚSSIA, ALIÁS SIGNIFICA QUE OS ESFORÇOS CONTRA O REGIME DE PUTIN SERÃO POTENCIALMENTE BENÉFICOS PARA A POPULAÇÃO RUSSA.

No entanto, Biden refere que é necessário diálogo a nível militar de modo a assegurar estabilidade estratégica face a um quadro de desenvolvimento de novas tecnologias militares, no qual quer a China quer a Rússia têm estado a investir. A preocupação com o armamento nuclear insere-se neste ponto, donde a extensão do acordo New START com a Rússia é central, como referido. O contexto global em que a Rússia e a China são descritas como potências revisionistas e disruptivas da ordem internacional marca o discurso e a prática de Biden nestes seus primeiros três meses na Presidência dos Estados Unidos.

RELAÇÕES COM A RÚSSIA: PRAGMATISMO SELETIVO

Apesar das críticas ao regime russo de Vladimir Putin, descrito como autoritário e corrupto, a Administração Biden pretende manter linhas de diálogo em temas estratégicos – de que o nuclear é já exemplo – e continuar a cooperar com a sociedade civil russa, para descontentamento das autoridades russas. Na leitura de Biden, ser anti-Putin não significa ser anti-Rússia, aliás significa que os esforços contra o regime de Putin serão potencialmente benéficos para a população russa¹⁵. Nesta procura de equilíbrio algo difícil, alguns criticam as autoridades norte-americanas de responderem de forma similar a desafios distintos, o que permite ao Kremlin manter a sua postura desafiadora. Por outras palavras, indepen-

dentemente de se tratar de ingerência em assuntos internos como processos eleitorais, de um caso de envenenamento, de ataques à oposição ao regime, ou do envio de ajuda ao Presidente Assad na Síria, a resposta é idêntica: sanções¹⁶. E esta postura é reveladora de reatividade¹⁷. O resultado é que este nivelamento político e a incapacidade de uma política mais proativa têm revelado limites na contenção da Rússia.

Pragmatismo seletivo significa uma política que será simultaneamente crítica e cooperativa, mantendo uma postura de condenação de violações de direitos humanos e de princípios democráticos, como o caso Navalny demonstra, enquanto continua a colaborar em temas sensíveis e fundamentais como o controlo de armamento, de que o acordo New START é ilustrativo, ou na área da cooperação espacial, como a extensão do acordo de cooperação envolvendo a NASA e a Roskosmos, que data de 1992, demonstra¹⁸. Aliás, o despedaçar do regime de controlo de armamento que vem marcando os anos pós-Guerra Fria é uma preocupação, após a retirada dos Estados Unidos do Tratado sobre Mísseis Antibalísticos (Tratado ABM) em 2002, do Tratado sobre Forças Nucleares de Alcance Intermédio (Tratado INF) em 2019, e do Tratado Open Skies em 2020. A Rússia seguiu-se a estas decisões, tendo dado o primeiro passo relativamente à suspensão do Tratado sobre Forças Convencionais na Europa (Tratado CFE), em 2007.

A renovação do New START neste contexto era visivelmente necessária para garantir continuidade nas limitações de armamento nuclear e permitir regularidade nos mecanismos de inspeção e monitorização, que funcionam como medidas de consolidação de confiança. O regime de limitação de armamentos, que durante anos foi basilar na segurança transatlântica, está a desmoronar-se, contribuindo para que as lógicas de contestação ao sistema internacional atual se desenvolvam num contexto menos regulado, e em que a rivalidade na inovação tecnológica e ao nível do desenvolvimento e da compra e venda de armamento se assumam de forma mais evidente.

Há neste contexto vozes que procuram perceber como encontrar equilíbrios no pragmatismo seletivo, donde nalguns temas as críticas sobressaem, enquanto noutros a cooperação se vai fazendo. O argumento é o de que na realidade as fissuras ideológicas já existiam e não têm constituído obstáculo à colaboração da Rússia e da China com os Estados Unidos em assuntos de interesse mútuo, tal como não os têm dissuadido de manterem ataques à democracia nos Estados Unidos¹⁹. Ou seja, parece que o pragmatismo seletivo se assume cada vez mais como a prática política norteadora quer em Washington, quer em Moscovo. A gestão delicada que implica não promete uma consolidação de linhas de cooperação, ao invés parece apontar para uma lógica de negociação caso a caso, de acordo com a identificação de temas de interesse mútuo.

OS DESAFIOS À ADMINISTRAÇÃO BIDEN NAS RELAÇÕES COM A RÚSSIA: A ÁGUIA, O DRAGÃO E O URSO

As relações Estados Unidos-Rússia no quadro atual não podem ser dissociadas da rivalidade que persiste entre os Estados Unidos e a China. Aliás, este é um dos temas

prementes na agenda de Biden. O pragmatismo seletivo resulta também deste reconhecimento. A política asiática de Moscovo e as implicações que tem nas leituras políticas nos Estados Unidos têm criado tensão na leitura ambivalente do papel da Rússia enquanto adjuvante face a uma China em ascensão, ou enquanto potenciando dificuldades nos alinhamentos que Moscovo possa tecer com Pequim.

A águia enfrenta o urso e o dragão, descrevendo o primeiro como uma grande ameaça e o segundo como um grande rival. Ao referir-se a estes dois gigantes no discurso político desta forma, e muitas vezes em simultâneo, Biden está a marcar a agenda com linhas de competição e rivalidade. Estas são evidentes atualmente na narrativa e prática política, com as sanções impostas e as quebras de confiança diplomática a ilustrarem a história. A águia mostra as suas garras, mas o urso e o dragão mantêm-se atentos, numa postura de desconfiança e prontos para uma atuação mais assertiva. Nada de novo nesta matéria. Deve, no entanto, ser notado que uma agenda seletiva assente em princípios pragmáticos de cooperação não tem necessariamente de significar uma agenda de concessões ou sinalizar incapacidade para alcançar avanços nas relações. Quanto a isto, a qualidade do diálogo Estados Unidos-Rússia será essencial para aferir a extensão dos eventuais compromissos que venham a ser assumidos²⁰. E para garantir também que estes possam ser lidos como, eventualmente, algo mais do que a simples operacionalização de um determinado interesse. **RI**

Data de receção: 18 de fevereiro de 2021 | Data de aprovação: 7 de abril de 2021

Maria Raquel Freire Professora catedrática de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Sociais da mesma Universidade. É coordenadora do Centro de Excelência Jean Monnet PRONE na Universidade de Coimbra, presidente da Assembleia da Faculdade de Economia, e professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da

Universidade de Santa Catarina, no Brasil. Os seus interesses de investigação centram-se nos estudos para a paz, em particular *peacekeeping* e *peacebuilding*, política externa, segurança internacional, Rússia e espaço pós-soviético. Tem várias publicações sobre estas temáticas.

> Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra, Portugal | rfreire@fe.uc.pt

NOTAS

¹ A autora desenvolveu esta investigação no âmbito do Centro de Excelência Jean Monnet «Peace Relations, Ontologies and Narratives in Europe: EU and its Eastern Neighbours» (PRONE).

611269-EPP-1-2019-1-PT-EPPJMO-CoE, Universidade de Coimbra. O apoio da Comissão Europeia à produção desta publicação não constitui um aval do seu conteúdo, que reflete unicamente o

ponto de vista da autora, e a Comissão não pode ser considerada responsável por eventuais utilizações que possam ser feitas com as informações nela contidas.

- 2 Para maior detalhe ver RUMER, Eugene; WEISS, Andrew S. – «Back to basics on Russia policy». In *Carnegie Endowment for International Peace*. Março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2021/03/09/back-to-basics-on-russia-policy-pub-84016>.
- 3 MASON, Jeff; PINCHUK, Denis – «Trump backs Putin on election meddling at summit, stirs fierce criticism». Reuters. 16 de julho de 2018. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-russia-summit-idUSKBN1K601D>. Sobre o tema da desinformação eleitoral ver também POLYAKOVA, Alina – «The Kremlin's plot against democracy: how Russia updated its 2016 playbook for 2020». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 5, 2020, pp. 140-149.
- 4 «JOE BIDEN'S first foreign policy speech – an expert explains what it means for the world». In *The Conversation*. 5 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/joe-bidens-first-foreign-policy-speech-an-expert-explains-what-it-means-for-the-world-154757>.
- 5 TRENIN, Dmitri – «Joe Biden's foreign policy and Russia». In *The Moscow Times*. 19 de novembro de 2020. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2020/11/19/joe-bidens-foreign-policy-and-russia-a72096>.
- 6 *Ibidem*.
- 7 *Ibidem*; TROIANOVSKI, Anton – «Russia erupts in fury over Biden's calling Putin a killer». In *New York Times*. 25 de março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/03/18/world/europe/russia-biden-putin-killer.html>.
- 8 BIDEN, Joseph R. – «Why American must lead again: recusing U.S. foreign policy after Trump». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 2, 2020, pp. 64-76.
- 9 «REMARKS by President Biden on America's place in the world. U.S. Department of State headquarters». Washington, DC. 4 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/02/04/remarks-by-president-biden-on-americas-place-in-the-world/>.
- 10 USHER, Barbara Plett – «What Biden's foreign policy "reset" really means». BBC News. 5 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-55945942>; «JOE BIDEN'S first foreign policy speech...».
- 11 TRENIN, Dmitri – «Joe Biden's foreign policy and Russia».
- 12 BERTRAND, Natasha – «Biden keeping Ukraine at arm's-length». In *Politico*. 13 de março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2021/03/13/biden-ukraine-kyiv-putin-475546>.
- 13 «BIDEN VOWS to back Belarus opposition in removing Lukashenko». In *The Guardian*. 28 de outubro de 2020. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/oct/28/biden-vows-to-back-belarus-opposition-in-removing-lukashenko>.
- 14 «RENEWING America's Advantages. Interim National Security Strategic Guidance, The White House, March 2021». Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/oct/28/biden-vows-to-back-belarus-opposition-in-removing-lukashenko>.
- wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf.
- 15 KORTUNOV, Andrey – «Points on Joe Biden and Russia, Russian International Affairs Council (RIAC)». 17 de dezembro de 2020. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://russiancouncil.ru/en/analytics-and-comments/analytics/thirteen-points-on-joe-biden-and-russia/>.
- 16 Emma Ashford citada in ASHFORD, Emma; KROENIG, Matthew – «Will Biden's approach to China and Russia work?». In *Foreign Policy*. 19 de março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2021/03/19/will-bidens-approach-to-china-and-russia-work/>.
- 17 RUMER, Eugene; WEISS, Andrew S. – «Back to basics on Russia policy».
- 18 RFE/RL – «Russia extends space cooperation with U.S. until 2030». 3 de abril de 2021. Consultado em: 5 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/russia-extends-space-cooperation-with-america-until-2030/31185293.html>.
- 19 PATRICK, Stewart M. – «Biden's "foreign policy for the middle class" takes shape». In *The Conversation*. 8 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/joe-bidens-first-foreign-policy-speech-an-expert-explains-what-it-means-for-the-world-154757>.
- 20 RUMER, Eugene; WEISS, Andrew S. – «Back to basics on Russia policy».

BIBLIOGRAFIA

- ASHFORD, Emma; KROENIG, Matthew – «Will Biden's approach to China and Russia work?». In *Foreign Policy*. 19 de março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2021/03/19/will-bidens-approach-to-china-and-russia-work/>.
- BERTRAND, Natasha – «Biden keeping Ukraine at arm's-length». In *Politico*. 13 de março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2021/03/13/biden-ukraine-kyiv-putin-475546>.
- «BIDEN VOWS to back Belarus opposition in removing Lukashenko». In *The Guardian*. 28 de outubro de 2020. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/oct/28/biden-vows-to-back-belarus-opposition-in-removing-lukashenko>.
- BIDEN, Joseph R. – «Why American must lead again: recusing U.S. foreign policy after Trump». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 2, 2020, pp. 64-76.
- KORTUNOV, Andrey – «Points on Joe Biden and Russia, Russian International Affairs Council (RIAC)». 17 de dezembro de 2020. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://russiancouncil.ru/en/analytics-and-comments/analytics/thirteen-points-on-joe-biden-and-russia/>.
- «JOE BIDEN'S first foreign policy speech – an expert explains what it means for the world». In *The Conversation*. 5 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/joe-bidens-first-foreign-policy-speech-an-expert-explains-what-it-means-for-the-world-154757>.
- MASON, Jeff; PINCHUK, Denis – «Trump backs Putin on election meddling at summit, stirs fierce criticism». Reuters. 16 de julho de 2018. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-russia-summit-idUSKBN1K601D>.
- PATRICK, Stewart M. – «Biden's "foreign policy for the middle class" takes shape». In *The Conversation*. 8 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/joe-bidens-first-foreign-policy-speech-an-expert-explains-what-it-means-for-the-world-154757>.

POLYAKOVA, Alina – «The Kremlin's plot against democracy: how Russia updated its 2016 playbook for 2020». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 5, 2020, pp. 140-149.

RFE/RL – «Russia extends space cooperation with U.S. until 2030». 3 de abril de 2021. Consultado em: 5 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/russia-extends-space-cooperation-with-america-until-2030/31185293.html>.

«REMARKS by President Biden on America's place in the world. U.S. Department of State headquarters». Washington, DC. 4 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/02/04/remarks-by-president-biden-on-americas-place-in-the-world/>.

«RENEWING America's Advantages. Interim National Security Strategic Guidance, The White House, March 2021». Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>.

RUMER, Eugene; WEISS, Andrew S. – «Back to basics on Russia policy». In *Carnegie Endowment for International Peace*. Março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2021/03/09/back-to-basics-on-russia-policy-pub-84016>.

TRENIN, Dmitri – «Joe Biden's foreign policy and Russia». In *The Moscow Times*. 19 de novembro de 2020. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2020/11/19/joe-bidens-foreign-policy-and-russia-a72096>.

TROIANOVSKI, Anton – «Russia erupts in fury over Biden's calling Putin a killer». In *New York Times*. 25 de março de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/03/18/world/europe/russia-biden-putin-killer.html>.

USHER, Barbara Plett – «What Biden's foreign policy "reset" really means». BBC News. 5 de fevereiro de 2021. Consultado em: 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-55945942>.